

O FIM DO FUNDO: O SUL DA AMÉRICA DO SUL POR ANGÉLICA FREITAS

Ícaro Carvalho

University of California, Los Angeles

Ao ser patrona da Feira do Livro de Pelotas e finalista dos prêmios Portugal Telecom e Jabuti, Angélica Freitas se estabeleceu como uma das principais poetas do país. Além de traduções, antologias e editorias, a escritora publicou três livros de poemas, em ordem: *Rilke Shake* (2007), *um útero é do tamanho de um punho* (2013) e *Canções de atormentar* (2020). Definir sucesso é traiçoeiro e medi-lo a partir de prêmios é ainda mais perigoso, mas penso que a qualidade da escritora sulista possa ser medida, além dos prêmios, pela quantidade aritmética com que seus trabalhos estão sendo analisados pelos jovens ensaístas.¹ Nascida na cidade de Pelotas, a poeta e tradutora Angélica Freitas realmente estava no sul da América do Sul. O fim do mundo era logo ali. Traçando em linha reta, de Pelotas a uma das primeiras ilhas da Antártida há apenas 3.384,63 km.² Digo “apenas” pelo fato de Pelotas estar mais próxima do extremo sul do mundo do que de muitas cidades do norte do próprio país. Pelotas está mais próxima do fim do mundo do que do outro lado brasileiro e, também, mais próxima de países vizinhos do que do grande centro Rio–São Paulo.

Em muitas entrevistas com a autora e reportagens sobre sua obra ou trajetória, jornalistas se referem a ela como “autora/escritora gaúcha”, “a gaúcha” ou ainda “a poeta gaúcha”, demarcando claramente de qual estado federativo vem Angélica Freitas.³ Parece existir

um prazer sublime da imprensa mais ao centro do país em apontar que determinada pessoa tem suas origens no Rio Grande do Sul, ou na região sul como um todo, como se houvesse uma linha física do estado de Santa Catarina para baixo. Abaixo da linha se toma mate, acima da linha se faz o país Brasil. Penso, assim, que há de fato uma diferença marcante entre estar ou não estar no último estado do país, uma vez que se opta muitas vezes por deixar claro a existência de “artistas gaúchos”, “poetas gaúchos” e, até mesmo, por exemplo, o “rock gaúcho”. A discussão neste escrito será justamente debater o que é morar, viver ou ter origem no fim – ou princípio – do mundo, também considerando que argentinos, uruguaios e chilenos compartilham de cultura semelhante. Para isto, analisaremos o que é fazer parte do chamado Cone Sul, as referências presentes na obra de Angélica Freitas e que implicações este modo de vida traz às pessoas inseridas neste contexto, partindo, de forma conjunta, da obra de Vitor Ramil e o seu *A estética do frio* (s/d). Apontar uma hipótese/leitura que guia a sua análise e mencionar as partes nas que se divide o texto são movimentos essenciais para compreender o elo entre o texto de Angélica Freitas e os ambientes pelos quais ambiente a escritora transita por sua poesia. Além de ser remoto por ser longe do centro, também é remoto por compartilhar costumes e tradições de outros países, fazendo com que haja essa aproximação com a cultura do pampa e, por consequência imediata, afastamento da vida tropical.

O CONE SUL, O PAMPA E O FIM DO MUNDO

Antes de adentrarmos propriamente em mais de um excerto escrito por Angélica Freitas, penso que seja produtivo e interessante discutir o que de fato poderia vir a configurar o “fim da América do Sul”. Em *Canções de atormentar* (2020), Freitas escreve: “como se uma guria toda errada/ míope descabelada/ **no fim do fundo do país**/ fosse fazer qualquer diferença” (77) [grifo meu]. Não bastando ser apenas “no fim”, o poema reforça essa sensação remota ao dizer “no fim do fundo”, ou seja, ainda mais distante do que podemos entender como

“O Centro”. Para delimitarmos fisicamente e geopoliticamente o que é “O Centro” e o que é “O Fim do Fundo” é necessário então discorrer sobre o que viria a ser o chamado “Cone Sul”, uma vez que a arte de Angélica Freitas se vale justamente desta longitude e de suas implicações aos seus moradores.

Angélica está longe, mas não se encontra sozinha neste lugar tão remoto. Para que a autora possa escrever o poema “an introduction to mate” – presente em *Canções de atormentar* (2020) – fez-se necessário a existência desta cultura, marcadamente diferente da do resto do país, na qual se insere a escritora. O estranhamento de não-pertencimento e solidão perante os outros estados brasileiros se origina por diversos fatores, seja o clima, seja a cultura mais próxima da dos vizinhos argentinos-uruguaios ou ainda pela distância territorial. O mate do Rio de Janeiro, por exemplo, não é o mate de Angélica Freitas. São mates tão distintos⁴ que é surpreendente que os mates carioca e gaúcho estejam sob o mesmo domínio de Brasília. A vivência dos poemas de Freitas reflete justamente o contraste existente entre os que vivem abaixo da linha divisória entre o estado gaúcho e o país brasileiro. Como se o Rio Grande do Sul fosse Brasil por um equívoco de Tordesilhas, as passagens do texto provavelmente soam desta forma marcada tanto para os gaúchos quanto para os brasileiros, seja pelo vocabulário, pela ambientação ou por esta demarcação de que “aqui” é sim diferente de “ali”.

Ao ler Angélica Freitas, um brasileiro possivelmente notaria um certo distanciamento, enquanto um habitante do Cone do Sul sentiria proximidade ou familiaridade com o texto. Aqui retomamos o princípio deste trecho que se propõe a debater como a distância entre Rio Grande do Sul e Brasil é a mesma distância que aproxima Angélica Freitas de seus vizinhos no fim do fundo da América do Sul. A distância do Sul para o resto do país fica marcada no texto *A estética do Frio*, de Vitor Ramil. Como podemos ver em:

A imagem me remetia ao sul extremo, o sul do Sul, lá onde pampa e gaúcho, como mitos ou como realidade, são comuns a Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Era, portanto, além de uma reação

ao estereótipo e seu peso, a reafirmação do antigo vínculo com os países vizinhos e a definição de um marco-zero simbólico das nossas contrapartidas “frias” às características do que se convencionou chamar de “brasilidade” (21).

Seria ingênuo definir a arte da autora como unicamente uma arte gaúcha, uma vez que a intenção aqui é defender justamente que há, no texto de Angélica, muito em comum com os países ao redor, como as referências ao clima, à vegetação e aos costumes do sul do extremo sul. Para isto, notamos que a existência de um termo “Cone Sul” demonstre justamente que há sim semelhanças entre os países inseridos e, conseqüentemente, diferenças destas para aquelas que estão alheias ao aglomerado. Apesar de não haver um consenso sobre quais locais fariam parte de fato deste “Cone Sul”, podemos aqui delimitar que seriam países, regiões ou cidades que compartilhem de certos hábitos culturais em comum, ou, ainda, as questões imigratória, econômica e histórica (Steves 75–100). Para este escrito aqui, delimitarei o “Cone Sul” obviamente em prol das minhas próprias ambições ao incluir a região sul do Brasil junto ao Chile, à Argentina e ao Uruguai, uma vez que penso ser considerável a presença de influências culturais comuns entre essas quatro regiões.

Argentina, Brasil, Chile e Uruguai adentraram a década de 1980 sendo governados por regimes ditatoriais e terminaram a década dando seus primeiros, e bastante lentos, passos rumo a uma suposta democracia plena. No entanto, as histórias destas regiões estão interligadas desde antes da onda ditatorial que assolou a América Latina na segunda metade do século XX. Aqui é onde defendo, novamente, a inserção da região sul brasileira, já que comparte, além de história em comum, também de imigração e geografia (*The Southern Cone*, 2012) muito semelhantes aos vizinhos Argentina e Uruguai. O principal ponto de nomear este “Cone Sul” parece-me justamente apontar que no sul da América do Sul, onde não há nada mais abaixo do mapa sem ser o gélido polo, há um grupo considerável de pessoas de gostos semelhantes até certo ponto e submetidas a viver neste espaço tão longínquo do resto todo. Assim, retomo a defesa à região sul brasileira

para que esta seja inserida, de certa forma abraçada, ao Cone Sul, muito por conta de essa região sentir-se já separada o suficiente do resto do país tropical (Ramil s/d). Abaixo do Cone Sul não há mais América do Sul e abaixo do Rio Grande do Sul não há mais Brasil.

O “Cone Sul” seria o macro desta região que proponho aqui, uma vez que acaba abarcando três ou quatro países e dezenas de milhões de pessoas. Há nele enormes centros urbanos como Santiago, Buenos Aires, Montevideú e Porto Alegre que contribuem diretamente para criação cultural e manutenção econômica deste então chamado Cone Sul. Se afinarmos ainda mais o recorte daquilo que compreendo das referências e da literatura de Angélica Freitas, penso que o mais adequado agora seria abordar o Pampa e suas implicações à vida daqueles que transitam por essa planície de campo aberto que se estende do leste do Rio Grande do Sul, passando pelo Uruguai, até certas localidades Argentinas. Opto por fazer este recorte ainda mais estreito, ao invés de manter-me preso à grande extensão do Cone Sul, por entender que a obra de Angélica Freitas retrata momentos mais específicos do que a enormidade territorial disposta no Cone Sul. Sim, ainda estamos no “fim do fundo”, no limite do globo, logo onde a terra parece por acabar-se. No entanto, apesar de Angélica Freitas deixar claro que fala desta posição de fim do mundo, penso que os poemas da autora possam ser melhor abordados quando consideramos o pampa como um grande ecossistema inserido justamente nessa paisagem desoladora em que tudo está perto do fim. Logo ali há a borda do planeta.

O pampa nada mais é do que um bioma presente em grande parte do Uruguai, ao redor da província de Buenos Aires e no estado do Rio Grande do Sul - não existindo em outra parte do Brasil. Em sua fala, redigida no compilado *A estética do frio*, Vitor Ramil delimita o pampa como a sua paisagem de excelência quando remonta ao sentimento de ser gaúcho. É para o pampa que sua mente viaja quando tenta remeter-se à origem deste sentimento de pertencer a algo que, por sua vez, parece não pertencer a nada. Penso que sua característica mais marcante, à primeira vista, seja a vastidão plana dos campos verdes, que invariavelmente convidam à reflexão. Particularmente lembro da paisagem canônica e gótica de *Wuthering Heights*, escrito

por Emily Brontë e publicado pela primeira vez em 1847, com seus campos abertos de vegetação rasteira e de clima extremamente volátil. Heathcliff em sua fuga poderia ter vindo parar no Rio da Prata, sentindo-se em casa ao desembarcar. Pensar no pampa como espécie de *moors* não parece de todo mal, ainda mais quando evocamos esse poder quase sobrenatural da paisagem sobre seus habitantes. Heathcliff não seria tão poderoso se estivesse às margens do Rio Thames, mas, quando os ventos uivam de forma ensurdecedora no norte da Inglaterra, é Heathcliff quem personifica esse panorama selvagem para si. Já ao sul do trópico de Capricórnio, é a nem tão agradável figura do gaúcho que abarca todos os estereótipos possíveis sobre esta vida quase ao fim de tudo. Ramil expõe o estereótipo do gaúcho da seguinte forma:

A palavra gaúcho é, hoje em dia, um gentílico que designa os habitantes do Rio Grande do Sul, e o estereótipo do gaúcho é um dos mais difundidos nacionalmente, se não o mais difundido: misto de homem do campo e herói, que o escritor brasileiro Euclides da Cunha, em seu clássico *Os Sertões*, definiu como essa existência quase-romanesca. Popularmente, é visto como valente, machista, bravateiro; um tipo que está sempre vestido a caráter e às voltas com o cavalo, o churrasco e o chimarrão (Ramil 11).

Essa espécie de cowboy, talvez ainda mais bruto do que aquele tipo interpretado por Clint Eastwood nos “Spaghetti Western”, é o responsável por manejar o gado e cuidar das extensas fazendas neste imenso pampa. Não é surpresa que, assim como nos filmes de faroeste, a solidão acabe por ser a principal companhia deste homem de campos ínfimos. É a este ser semi-folclórico que Ramil volta quando pensa em suas memórias sobre ser gaúcho. Ramil não fora um *cow-boy do pampa*, mas esta memória coletiva parece habitar naqueles que nascem próximos ao pampa. Neste ponto poderíamos deixar o recorte ainda mais microscópico ao dizer que Angélica Freitas, por ter nascido no Rio Grande do Sul, encaixar-se-ia na categoria gaúcha e assim, apressadamente, poderíamos exclamar que Angélica faz uma

“literatura gaúcha”. No entanto, penso que não podemos nos limitar tanto. As constantes referências aos países vizinhos, às culturas compartilhadas e às experiências que só podem ser vividas do lado de lá do Rio da Prata fazem com que eu encontre conforto em pensar sobre uma poesia gaucha, sem acento agudo na letra “u”. A queda do acento internacionaliza a condição. Sem acento os gauchos são reconhecidos mundialmente como aqueles que cavalgam pelos campos abertos do pampa, desde mesmo Hollywood na interpretação de Douglas Fairbanks em *The Gaucho* (1927).

As manchetes dos jornais que insistem em rotular a autora a todo instante como “gaúcha” perdem a chance de despir-se do acento agudo e mostrar como os poemas de Angélica atingem diretamente os dois países mais próximos: Argentina e Uruguai. Para ajudar-me na defesa desta ideia, trago aqui a noção de que traduzir-se poesia é uma das tarefas mais difíceis que há, seja por conta da língua ou por conta de toda a carga de emoções e referências que estão dispostas no texto a ser traduzido. Tomando esta noção como verdade sem adentrarmos uma discussão mais profunda que poderia ou não desmentir minha pretensão aqui, lembro o quão rápido fora a tradução dos poemas da Angélica para a língua espanhola⁵ e o quão bem-sucedida (em termos de números) fora a venda de seus exemplares na vizinha Argentina.

A afinidade com os vizinhos sugerida pelo sucesso do livro em tradução apoia-se ainda mais nas referências que Freitas faz à cultura do pampa. Consequentemente, com auxílio do pensamento de que esta rápida e competente tradução tenha impulsionado ainda mais a circulação dos poemas de Angélica Freitas, faz completo sentido pensar que o fato da autora trazer para a sua obra um grande leque de referências à cultura do pampa faça com que os leitores dessas regiões tenham um engajamento quase natural com o que ali se apresenta. Ao retomarmos os conceitos geográficos/econômicos/culturais do Cone Sul, notamos que Santiago, Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre, além de estarem localizadas ao sul do Trópico de Capricórnio, estão também a maior parte do ano inseridas no mesmo fuso horário, facilitando ainda mais a comunicação entre essas grandes cidades e suas culturas. A camaradagem de estarem todos à borda do planeta parece

aproximar aqueles que entendem como é esta vida tão afastada dos centros mundiais e quais implicações isto influi em seus habitantes. Conforme já havia notado, o Cone Sul seria magnânimo demais para a poesia de Angélica Freitas e, por conta disto, nos reduzimos a “apenas” o Pampa. Ainda assim é importante notar que o pampa se insere dentro deste contexto, assim também como outras culturas, em que quatro regiões se encontram justamente nas suas diferenças para o resto do continente.

OS TRECHOS

Para defender minha tese de que a poesia de Angélica Freitas denote referências ao pampa, e não só à Pelotas ou Porto Alegre, trarei aqui excertos de forma “cronológica”. Para isto, penso que começar em *Rilke Shake* (2007) seja adequado, principalmente pelo movimento que notei em minha pesquisa: as referências se apresentam em maior quantidade na última obra da autora. Assim, encontrei no livro de 2007 poucas menções explícitas a monumentos, locais ou costumes da vida gaúcha (sem acento). *Rilke Shake* a mim parece uma obra de viagem entre uma estação e outra, como se o livro estivesse neste entremeio que algumas vezes nos encontramos em nossas vidas. Penso que possamos viver aguardando por algo - como numa sala de embarque - por meses, talvez anos.

É importante salientar que as referências aqui refletem minhas próprias interpretações, ou seja, obviamente há mais menções do que as que fui capaz de perceber, ou que nem todos os excertos aqui apresentados sejam de fato algo pensado metodicamente pela autora. Penso que exemplo disto seja o poema “Casino” (27), uma vez que não há claros indícios de que este esteja se referindo à Praia do Cassino e sua importância à região do extremo sul brasileiro. É no Cassino que o Brasil encontra o fim de suas praias. Com os versos “a maresia come/ as rodas do carro.”, temos a referência aos males enferrujados que afetam todas as praias do mundo, podendo afetar até aquela praia perto de Pelotas, muito perto do Uruguai e também do fim do mundo.

Ainda em *Rilke Shake*, trago mais dois poemas: “o que é um baibai?” e “[às vezes nos revezes]” que, agora sim, mencionam explicitamente vivências compartilhadas pelo público abaixo da linha de Capricórnio. Em “esnobada na festa molha os pés no rio das antas/ debaixo d’água como faz seu coração?/ ‘sai da chuva’ ‘já para casa” (41), Angélica menciona a bacia hidrográfica que banha grande parte da serra do estado do Rio Grande do Sul. A imagem de uma debutante decepcionada, e sem par para o seu baile de formatura, molhando seus pés no possivelmente gélido rio das antas é evocada imediatamente em minhas abstrações. Já no trecho de “[às vezes nos revezes]”, os versos são trazidos à cidade de Porto Alegre. Vemos em:

segura o abacaxi com as duas mãos
 doura tua tez
 sob o sol dos trópicos e talvez
 aprenderás a ser feliz
 como as pombas da praça matriz
 que voam alto
 sagazes
 e nos alvejam
 com suas fezes
 às vezes nos revezes (54).

Este trecho mais longo liga o leitor diretamente a uma das memórias mais afetivas que se pode ter da cidade de Porto Alegre: sofrer ataques das pombas na Praça da Matriz. O espaço físico está localizado no centro de Porto Alegre, logo ao lado dos Palácios Piratini e Farroupilha – que por sua vez já abarcam toda a carga histórica de um passado gaúcho (agora com acento, pois diz respeito ao estado do Rio Grande do Sul) – acabando por representar, ao mesmo tempo, um espaço de história e democracia. Estabelecida em 1763, a Praça é localizada estrategicamente no topo de uma colina a fim de que se evitasse ataques surpresas do exército espanhol, que almejava tomar para si o território gaúcho.⁶ A mudança da capital gaúcha para Porto Alegre passa diretamente pela construção da Praça da Matriz, fazendo deste ponto um dos mais elegantes para que um transeunte possa vir a ser

alvejado pelos dejetos das pombas. Angélica não evoca toda esta carga histórica de uma vez só, obviamente. Quando por ali caminhamos sabemos que é um marco para a cidade, mas não nos lembramos sempre dos ataques espanhóis, apenas cuidamo-nos com os possíveis ataques das pombas, que por ali se concentram em bando. Ser feliz como as pombas penso que seja ser livre sob o sol dos trópicos e dos “subtrópicos” fim-mundanos.

Já em *Um útero e do tamanho de um punho* (2013), as menções extrapolam a serra do Rio Grande do Sul ou a capital Porto Alegre. Abro a análise com “barbaridade”, presente no poema “alcachofra” (pág.), e a representatividade da palavra para aqueles que nascem no estado mais ao sul do Brasil. Se o dicionário tradicional remete o termo à barbárie e à falta de civilidade, a palavra representa algo distinto disto tanto no poema quanto na vida. Usada geralmente como uma interjeição para demonstrar certa incredulidade, “barbaridade” pode ser usada tanto em uma frase como “mas que barbaridade!” quanto em um simples “bah!”. Assim, em “amélia que era a mulher de verdade/ fugiu com a mulher barbada/ barbaridade” a autora se vale da rima com “verdade” e da proximidade com “barbada” para exclamar, ao fim, que uma mulher de verdade fugir com uma mulher barbada era de fato uma barbaridade.

Outros trechos em *Um útero e do tamanho de um punho* também remetem à vida no Rio Grande do Sul, como em “mulher de valores”, “mulher de posses” e “um útero é do tamanho de um punho”. Há, no primeiro supracitado, a menção da FIERGS como um local em que a mulher do poema havia feito um curso para operar na bolsa de valores. A FIERGS de fato poderia ter feito isto, uma vez que significa literalmente Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, endereço que, além de representar os trabalhadores gaúchos da área industrial, também serve como local para estudos em áreas mais práticas do conhecimento. Se a “fiergs” se situa na zona norte de Porto Alegre, tanto “festa da uva” (presente em “um útero é do tamanho de um punho”) quanto “Tramontina” (presente em “mulher de posses”) são referências à serra gaúcha, assim como fora o rio das antas em *Rilke Shake*. A “festa da uva” é um evento colossal para aqueles que

estão inseridos no microcosmo das vinícolas gaúchas, tendo cobertura privilegiada dos telejornais da capital do estado. Enquanto isto, “Tramontina” fala da marca de talheres localizada na cidade de Carlos Barbosa, também na serra do Rio Grande do Sul. Todos temos talheres, xícaras e utensílios domésticos Tramontina. Estes três momentos evocam diretamente as vivências partilhadas entre leitores e autora/narradora a ponto, penso, do interlocutor exclamar “barbaridade!” ao notar estas referências.

Adiante no texto de *um útero e do tamanho de um punho*, as referências passam a abarcar mais do que a serra ou a capital, uma vez que Angélica expõe suas experiências do outro lado do Rio da Prata. Quando, em “Argentina I.”, o poema discorre sobre a diferença entre os modos de assar carne vermelha e acabamos também por inserir-nos numa das culturas mais representativas do pampa. Por conta de seus vastos e nada sinuosos campos, as regiões do pampa acabam por serem grandes zonas de criação de gado, implicando diretamente na cultura ao redor e no seu consumo. Ser capaz de assar carne vermelha de forma satisfatória é uma das maiores virtudes que um gaúcho pode adquirir. Angélica, além de optar por abreviar Rio Grande do Sul como “r.g.s” e jogar com o resultado desta sigla, ainda denota as diferenças do churrasco argentino chamado de *asado* para o churrasco gaúcho, como vemos em:

se fosse argentina saberia preparar asados
 que são diferentes do churrasco
 esse envolvido em sal grosso
 perfurado por espetos no r.g.s.
 r.g.s. bem podia ser a sigla
 de complicações estomacais
 ou o barulho de uma frase que não te sai
 porque está entalada na garganta porque
 no r.g.s. (pág).

O apreço pela Argentina aparece ainda em outros trechos. É dentro da seção de 10 poemas sobre a Argentina que a autora denota a típica divisão de tarefas entre homens e mulheres durante o ato de

preparar-se o churrasco. Nos versos “os churrascos são de marte/ e as saladas são de vênus” a autora traça hipóteses para entender o motivo de todos os churrascos, sem exceção, funcionarem da mesma forma: homens do lado de fora de casa em frente ao carvão e mulheres dentro do recinto a preparar as saladas verdes e as de maionese. Por fim, depois de viagens cisplatinas e portenhas, Angélica Freitas volta à Pelotas ao mencionar a catedral São Francisco de Paula, localizada logo no centro da cidade, durante os últimos versos do livro.

Ao avançarmos sete anos para a publicação de *Canções de atormentar* (2020), por mais que saibamos que seja impossível cobrir todo o material, notamos que as referências à cultura que tanto discutiremos aqui se multiplicam ainda mais. Compilei que há exposições claras aos gaúchos brasileiros ou aos pampeiros nos seguintes poemas: “laranja”, “traíra”, “porto alegre, 2016”, “eu sou a garota mais doce ao sul do equador”, “an introduction to mate”, “quatro personagens em quatro desenhos de iberê camargo”, “ana c.” e “um excelente negócio”. Ou seja, se em *Rilke Shake* pude selecionar, com muita boa vontade, apenas três trechos para a nossa discussão aqui proposta, em *Canções de atormentar* os trechos se intensificam mais e mais. Apesar de o livro mencionar o artista plástico gaúcho Iberê Camargo (74) ou o consumo de mate junto a um interlocutor dos pampas (79), irei optar por me deter especificamente em “an introduction to mate” e “ana c.”, muito por conta de suas representatividades para o tema aqui proposto.

O poema “an introduction to mate” por si só já seria capaz de iniciar uma discussão ainda mais aprofundada sobre o nosso debate. No entanto, pensando de forma mais prática, o primeiro elemento que seleciono e chamo a atenção para análise é justamente o fato de o poema estar escrito em língua inglesa. É notório que, ao fim dos versos, a fala estaria vinculada a ensinar um estrangeiro como preparar a bebida mais típica dos pampas. Penso que este estrangeiro para quem o “eu-lírico” fala não pode ser apenas entendido como um anglófono. Obviamente delimitar como tal poema pode ou não ser entendido é perigoso e, de certa forma, nada cordial, mas penso que o uso da língua inglesa delimita que este interlocutor é o estrangeiro em seu

protótipo máximo. A língua inglesa, principalmente na América Latina, pode ser entendida como uma representante do outro, daquilo que não sou ou, até mesmo, daquilo que me oprime. Escolher esta língua que está por tudo e que, ao mesmo tempo, não é a minha língua, dialoga diretamente com o último trecho do poema. Vemos em:

you can pretend you have
been born here but you
can't pretend you like it
sure, i'm talking about
the mate. (68)⁷

Este trecho final revela enfim que a “narradora” se dirige de fato a alguém é estrangeiro, mas, mais do que simplesmente isto, refere-se a alguém que não nasceu n’O Pampa. Sendo o mate uma cultura compartilhada por gaúchos e gauchos argentinos e uruguaios, o estrangeiro neste caso poderia ser qualquer habitante fora dos limites dos extensos campos abertos. É comum àqueles que nunca experimentaram a bebida que façam uma expressão de quem luta contra o amargo característico, assim, pode-se sim fingir que é nascido no pampa, mas é muito mais difícil fingir gostar do mate, senão impossível.

É claro que fazer o mate poderia muito bem ser uma metáfora para qualquer outra atividade, os dois últimos versos jogam quase explicitamente com esta ideia. Já em “ana c.”, aproveitamos para dar início ao fim disto tudo. Dirigimo-nos para o último trecho de conclusões deste trabalho a partir dos versos:

como se uma guria toda errada
míope descabelada
no fim do fundo do país
fosse fazer qualquer diferença (77).

Chamo a atenção aqui justamente para a sequência, bem marcada por sinal, de “defeitos” apontados pela voz do poema. Depois de “guria toda errada”, “míope” e “descabelada” há uma frase que ainda parece

estar alinhada a esses defeitos: “no fim do fundo do país”. Se o fim por si só já é o fim e depois dele não há mais nada, o “fim do fundo” por sua vez está além da concepção de todos aqueles fortunados a não nascerem no extremo sul da América do Sul. É curioso, no entanto, notar como nascer neste quase estado de exceção que é o sul do sul aparece pela primeira vez como algo desagradável. Se antes Angélica Freitas tomava até mesmo a conjugação própria da segunda pessoa do singular para expressar e demarcar a sua poesia, agora este pertencimento se alinha aos defeitos de visão e dos cabelos desajustados. Seria então, afinal, após todo este texto, desprezível viver n’O Fim do Fundo?

A ESTÉTICA DO FRIO E O FIM DISTO

Para complementar este escrito, farei aqui a relação entre a poesia de Angélica Freitas e os pensamentos de seu conterrâneo pelotense Vitor Ramil, a partir da exposição do cantor presente no ensaio/livro/artigo *A estética do frio*. A artista e o artista já dialogaram com contribuições mútuas,⁸ mas este não foi único motivo pelo qual selecionei Vitor Ramil para fechar este trabalho. Na sua fala, Ramil tenta discorrer sobre o que é ser gaúcho e acaba por divagar sobre as incertezas que rondam aqueles que nascem no estado mais austral do Brasil. Para princípio de conversa, Vitor Ramil já se coloca nesta posição, que balança com o mais simples dos ventos, ao abrir sua fala com o seguinte parágrafo:

Eu me chamo Vitor Ramil. Sou brasileiro, compositor, cantor e escritor. Venho do estado do Rio Grande do Sul, capital Porto Alegre, extremo sul do Brasil, fronteira com Uruguai e Argentina, região de clima temperado desse imenso país mundialmente conhecido como tropical (7).

Esta abertura é emblemática. Não poderíamos exagerar e compará-la às primeiras linhas de *Grande Sertão: Veredas* (1956) ou *Metamorfose* (1915), mas, para aqueles que pertencem ao mesmo local que

Vitor Ramil e Angélica Freitas, estas palavras significam tanto quanto um “Nonada”. É no mínimo curioso que, ao se apresentar como brasileiro, Vitor Ramil, além de citar os países vizinhos, ainda deixa claro que há diferenças evidentes entre o seu local e o resto deste país tropical. Vitor Ramil é um cantor e compositor conhecido pela maior parte dos gaúchos, uma vez que a sua música “Ramilonga” passou a ser entoada como uma espécie de hino para aqueles característicos dias de chuva porto-alegrense, onde a melancolia cai das nuvens em quantidades exacerbantes. Com os versos “Chove na tarde fria de Porto Alegre/ Trago sozinho o verde do chimarrão/ Olho o cotidiano, sei que vou embora/ Nunca mais, nunca mais” (RAMIL, 1997) podemos perceber diversas individualidades que remetem aos poemas de Angélica. Chimarrão por sua vez equivale ao mate, enquanto a melancolia nos seus últimos dias na cidade é uma das marcas, conforme Ramil, deste estilo musical presente nos pampas. Após um final que nos recorda Edgar Allan Poe, chamo a atenção para a principal temática daqui em diante: faz frio em Porto Alegre.

Conforme progredimos na leitura das ideias de Ramil, notamos que aquilo que o artista encontra para melhor traçar como linha entre gaúchos, gauchos e o resto do Brasil é justamente esta estética do frio. Ramil conta que sua ideia parte justamente do momento em que notara que carnavais de rua em pleno inverno eram estranhos apenas a ele, e não ao resto do Brasil. Quando Ramil percebe que a narrativa escolhida pelo âncora do telejornal é aquela que abarca o calor em todos os meses do ano, o compositor percebe conseqüentemente que o descolamento das outras regiões brasileiras não é apenas simbólico, como também físico. Esta estrangeirização a partir do estranhamento daquilo que é comum ao resto do país é muito semelhante aos escritos de Angélica Freitas. O estrangeiro que não sabe fingir gostar de tomar mate está definitivamente fora do pampa, mas talvez este estrangeiro não esteja fora do país tropical. A figura do gaúcho difundida pelo país afora se mistura diretamente com a figura do gaúcho do pampa (Ramil 12), contribuindo diretamente para este afastamento para com o resto do país e, por conseguinte, aproximação com os vizinhos.

Reforço esta tese ao trazer mais um trecho do que Angélica Freitas escreve em *Um útero é do tamanho de um punho*:

[...] quando estou na argentina prefiro ser
uma poeta argentina
porque assim sou sem resistência
e não sinto falta do arroz porque aqui a massa
mesmo a mais barata no supermercado
não tem igual (59).

A carga apanhada pela frase “porque assim sou sem resistência” diz mais do que todas estas páginas de artigo. Diz muito mais, afinal a poesia parece ter este poder de nos dizer tudo em apenas um verso e, no verso seguinte, desdizer o resto todo que não sabíamos que faltava. Os versos se embaralham para que o leitor se ordene. Por conta disto, escolho discorrer pouco sobre uma linha que já diz tanto. Poderia aqui dissertar sobre a resistência que a “eu-lírico” enfrentaria em ser brasileira ou algo do gênero do não-pertencimento, mas opto justamente por apontar que esta narradora de Angélica pertence sim a um lugar muito delimitado: a outra margem da Prata. Não há forma melhor de provar este ponto do que o verso em que há a escolha do macarrão em detrimento do típico arroz de cada dia.

Na sua busca por delimitar esta “estética do frio”, ao mesmo tempo em que tentava estabelecer ao menos poucos limites em sua própria identidade, Ramil retorna diretamente à imagem que denota um inverno rigoroso em meio ao pampa (19), convidativo à solidão e à reflexão. Esta imagem tão estereotipada parece mesmo ser um fim da linha, ainda mais quando Ramil nos diz que o pampa “pode, a rigor, nem existir, mas é um vasto fundo na nossa paisagem interior.” (19). Seria reducionista dizer que o imaginário que nasce conosco remete diretamente à esta figura saboreando o seu mate em meio ao vasto e gélido campo e, a partir disto, construímos-nos. O pampa estará sempre lá, mesmo que não seja fisicamente. Ao notar que a primeira lembrança evocada por si mesmo fora esta versão estereotipada, Ramil percebe a estética do frio seja difícil, senão impossível, de capturar e

delimitar apenas em uma fala. Por conta disto, penso, enfim, que defender o frio como marco zero desta cultura compartilhada não seja de todo ruim, pelo contrário. Os brasileiros-gaúchos parecem como seres híbridos que se marcam por serem aqueles que estranham carnavais de rua (ou eventos que demandam temperaturas elevadas) nos meses de inverno do hemisfério sul. Valemo-nos das diferenças com o próprio país para nos aproximarmos dos uruguaio e argentinos, criando um pertencimento a partir dos costumes e do passado recente em comum. O gaúcho tipificado na imaginação de Ramil poderia muito bem falar espanhol ao invés de português.

Quando Ramil diz não querer normatizar o que viria a ser esta “estética do frio”, penso que esta seja a mesma vontade presente aqui. Não desejo traçar uma linha entre aqui e lá, mas sim mostrar que há sim diferenças evidentes e bem notadas ao longo do curso histórico de Brasil e Rio Grande do Sul. Ou, ainda, o passado em comum daqueles povos que cavalgavam pelo Pampa. A partir dos excertos de Angélica Freitas, propus-me apontar e debater como as referências remetem diretamente a um imaginário coletivo daqueles que habitam o sul do sul. Penso que, tanto para os gauchos quanto para os estrangeiros, ler a poesia de Angélica Freitas é identificar que estás lendo algo feito justamente a partir daquela específica faixa de terra, seja pelo emprego da segunda pessoa, seja pelos costumes apresentados. Não sei responder se nascer no “fim do fundo” é de fato mais um dos defeitos daquela voz míope e descabelada do poema “ana c.”. Não sei sequer delimitar com clareza quem poderia encaixar-se junto com Angélica Freitas nesta poesia do pampa, mas compreendo com muito carinho que ser/estar no fim da América do Sul é algo único. Parece-se com estar no fim de outros lugares, seja a Antártida ou em algum extremo norte, mas, ao mesmo tempo, diferente por ser uma região que compreende pelo menos quatro países. Essas nacionalidades acabam por se diferenciarem dentro de si mesmas por conta de características semelhantes: o mate, o frio, o vento *pampero* ou suas origens indígenas (geralmente propositadamente esquecidas). O deslocamento passa a ser o Centro, e a incapacidade de pertencer – assim como o frio – é o que acaba por unir os habitantes do fim do mundo.

- 1 Como podemos atestar em repositórios de pesquisa de universidades brasileiras.
- 2 Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Pelotas+-+RS/@-61.8754531,-58.4262045,8.76z/data=!4m5!3m4!1s0x95104876f10dfe49:0x18cd959725e0398b!8m2!3d-31.6169827!4d-52.2762322>
- 3 Exemplo presente em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,livro-de-angelica-freitas-ganha-premio-de-traducao-nos-eua,10000049258>
- 4 Por mais que ambas bebidas sejam chamadas por “mate”, no Rio de Janeiro há uma espécie de chá gelado e adocicado, enquanto no Pampa há a bebida fervente e amarga que tipicamente é servida em uma cuia de madeira e bebida a partir de uma bomba.
- 5 Matéria disponível em: < <https://www.latimes.com/books/jacketcopy/la-et-jc-herrera-freitas-win-best-translated-book-awards-20160505-story.html> >
- 6 Referência presente em: < http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?reg=10&p_secao=118 >
- 7 Em tradução própria temos: você pode fingir que/ tenha nascido aqui mas você/ não pode fingir que gostou disto/ claro, estou falando sobre/ o mate.
- 8 Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2019/07/vitor-ramil-transforma-poesia-de-angelica-freitas-em-cancoes-para-novo-show-cjxnw9vu605bq01o996fiov3g.html>>

OBRAS CITADAS

253

Freitas, Angélica. *Rilke Shake*. São Paulo: Cosac Naify, 2007

—. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2013

—. *Canções de atormentar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

Ramil, Vitor. *A estética do frio*. Satolep Livros, s/d.

Steves, Franklin. "Regional Integration and Democratic Consolidation in the Southern Cone of Latin America". In: *Democratization*. 8. p. 75-10, 2001.

"The Southern Cone". In: *World Regional Geography: people, places and globalization*. University of Minnesota, 2012, <https://open.lib.umn.edu/worldgeography/chapter/6-4-the-southern-cone/>. Último acesso em 12 de agosto de 2021.